

## A Universidade no Brasil, hoje - considera73es sobre elitismo, democratiza73o, ensino, pesquisa e gest3o organizacional, 3 luz da experi73ncia crist3

**Prof. Dr. Jair Milit3o da Silva**

Professor Associado FEUSP – Aposentado  
Professor e Pesquisador no Programa de Mestrado em  
Educa73o da Universidade Cidade de S3o Paulo

**Resumo:** O texto aborda, a partir da experi73ncia do autor como pesquisador e gestor de institui73es de ensino superior, o tema da democratiza73o do acesso 3 Universidade e o problema de manter-se com qualidade o trip3 ensino-pesquisa-extens3o nessas institui73es mediante uma administra73o que leve em conta uma antropologia crist3 na qual se concebe o homem como colaborador respons3vel diante de uma realidade comunit3ria que o convoca a viver solidariamente.

**Palavras-chave:** Democratiza73o do acesso 3 universidade. Gest3o organizacional. Antropologia crist3.

**Abstract:** From his experience in research and management, the author discusses the democratization of access to University and how to keep balance between research-teaching-extension, rooted in a Christian anthropology, in which man is seen as a cooperator with the communitary.

**Keywords:** Democratization of access to University. Organizational management. Christian Anthropology.

*“Jesus, ouvindo isso, partiu dali, de barco, para um lugar deserto, afastado. Assim que as multid3es o souberam, vieram das cidades, seguindo-o a p3. Assim que desembarcou, viu uma grande multid3o e, tomado de compaix3o, curou os seus doentes. Chegada a tarde, aproximaram-se dele os seus disc3pulos, dizendo: “O lugar 3 deserto e a hora j3 est3 avan73ada. Despede as multid3es para que v3o aos povoados comprar alimento para si”. Mas Jesus lhes disse: N3o 3 preciso que v3o embora. Dai-lhes v3s mesmos de comer”. Ao que os disc3pulos responderam: S3o temos cinco p3es e dois peixes”. Disse Jesus: Trazei-os aqui”(Mt 14, 13-18)*

“O lugar 3 deserto e a hora j3 est3 avan73ada”. Despede as multid3es para que v3o aos povoados comprar alimento para si...Dai-lhes v3s mesmos de comer.” Esta passagem do Evangelho de Mateus parece retratar com clareza a situa73o do mundo

universitário brasileiro: “o lugar é deserto e a hora já está avançada...é preciso despedir as multidões”. Ou seja, o lugar está deserto de sentido da vida e está sem sabor, sem alimento, não há alimento para todos. Os discípulos correm o perigo de sucumbir à tentação de bastar-se a si mesmos, garantindo a própria alimentação e deixando as multidões descobrirem por conta própria a forma de manter a vida, procurando nos povoados, de maneira incerta. Mantém-se uma Universidade em que os interesses levados em conta são de poucos ou a pauta é ditada pelas necessidades da “multidão”? Jesus diz aos seus discípulos: dai-lhe vós mesmos de comer. Diz isto diretamente a seus discípulos, como uma missão. O mandato de Jesus confere a graça de realizá-lo e os discípulos ganham coragem para apresentar cinco pães e dois peixes, sem inibirem-se pela desproporção existente entre a possibilidade e a necessidade. Na fé em Jesus oferecem o que tem, tudo o que tem, e o milagre acontece. Todos, confortavelmente sentados, são servidos, saciados e ainda sobram 12 cestos. Para mim esta é uma Palavra que consola e anima a continuar diante das imensas necessidades da juventude, dos que trabalham no ambiente universitário, do povo como um todo: diante das necessidades é possível oferecer cinco pães e dois peixes (meu tempo, meu descanso, minhas possibilidades) que Jesus potencializa os resultados. A eficiência e a eficácia advêm da adesão a Jesus na Fé dada pela Graça.

### **Alguns pressupostos**

Uma sociedade organiza-se e mantém-se graças à existência de instituições que se articulam em função de objetivos da Sociedade Civil e do Estado. Uma instituição pode ser entendida como um conjunto de práticas consagradas pelos grupos sociais. Entre as instituições sociais, a Universidade tem reservado para si o papel esperado pela Sociedade de, predominantemente, oferecer conhecimento. Este conhecimento tem sido entendido de modo amplo, como o expressa a UNESCO, fundado em quatro pilares: *saber, saber fazer, saber ser e saber conviver*. Portanto, o que a Sociedade espera hoje da Universidade é que ela seja capaz de comunicar esses saberes aos seus participantes.

A história da Universidade, desde sua origem na Idade Média até nossos dias releva diferentes modalidades e níveis de tratamento do conhecimento em seu interior e em sua comunicação aos participantes. Uma constante, entretanto, tem sido a criação de hierarquias para classificar níveis de acesso e transmissão de conhecimento, tais como, nas origens da Universidade, aprendiz, mestre, doutor, competente, ou, mais recentemente, graduado, especialista, mestre, doutor, livre-docente, por exemplo.

Hoje, como estrutura dominante nas Universidades, temos o acesso e a transmissão de conhecimento organizados em graduação e pós-graduação, esta em sentido *lato* e em sentido *strictu* -. A cada nível, correspondem possibilidades e responsabilidades no tratamento do conhecimento, ao qual se chega por descoberta própria ou por revelação, no sentido de adesão a uma autoridade que nos informa. A pesquisa, na Universidade, situa-se nesse cenário de descoberta-revelação, compatibilizada com os níveis hierárquicos existentes.

## **Graduação**

Em relação à graduação espera-se que seja capaz de contribuir para que o educando tenha acesso a conhecimento existente em determinado campo. Este acesso pode ocorrer por descoberta ou por revelação. Portanto, a pesquisa tem caráter mais pedagógico e o “novo” conhecimento produzido tem como referência o universo pertencente ao aluno; não se espera que ele seja capaz de produzir conhecimento novo ainda que produza, para si, novos conhecimentos. Esta especificação é relevante, para a Universidade, no sentido de não obrigar a “graduação” a fazer pesquisa, em nível de pós-*strictu*, como adiante será explicitado. Os envolvidos na graduação – discentes e docentes – têm a pesquisa como meio de acesso ao conhecimento necessário à formação do aluno. Isto não impede, aliás, como será apontado, em seguida, que o docente e mesmo o discente atuem ativamente na descoberta de novos conhecimentos, mas não na condição de “graduado” - e sim na de integrante de projetos mais amplos que sejam concatenados com outros níveis da Universidade.

## **Pós-graduação *lato sensu***

Em relação à pós-*lato sensu* espera-se que a pesquisa seja entendida ainda como método de aprendizagem, mas com um passo adiante, no sentido de identificar organizadores de campos de conhecimento; o especialista precisa possuir noção de campo de conhecimento e de organizadores desses campos de conhecimento para que possa, ordenadamente, adquirir, utilizar e, eventualmente, produzir conhecimento novo em sua área de estudo e de trabalho. Desse modo, institucionalmente, a Universidade não deverá “cobrar” desse nível uma produção de conhecimento novo, mas sim a descoberta de “organizadores novos” do campo de conhecimento considerado. A descoberta dessas novas relações que organizam um campo é, geralmente, fruto de pessoas que aliam uma atuação teórica a um trabalho de intervenção profissional e são capazes de propor “novos organizadores do campo”. Um exemplo disto pode ser retirado do campo do Direito. Enquanto, na graduação, trabalha-se com as divisões clássicas, tais como, Direito Civil, Direito Criminal, Direito Constitucional, etc., na pós-graduação seria já possível identificar um rol de “campos” com muito mais especificidades, entre os quais, por exemplo, o “direito nuclear”, que é uma preocupação atual dos procuradores federais que atuam na Comissão de Energia Nuclear, que, ao lado do “direito do consumidor” examinam demandas relativas aos graus de radiação permitidos para conservação de alimentos, etc.

## **Pós-graduação *strictu sensu***

Em relação à pós-*strictu* – mestrado e doutorado – já é possível esperar que ocorra a produção de conhecimento novo (tarefa específica do doutorado), por descoberta, ou novos ordenamentos de conhecimentos anteriormente já existentes (exigência mínima para o mestrado). É, portanto, plausível pedir que o aluno de mestrado ou doutorado seja capaz de utilizar a pesquisa como forma de ter acesso ao conhecimento já existente e consolidado pela comunidade acadêmica e profissional,

mas também possa trabalhar a pesquisa como forma de produção de conhecimento novo.

Todavia, é dos docentes e demais pesquisadores, institucionalmente integrados à pós-*strictu*, que a Universidade pode pedir um trabalho efetivo de pesquisa de conhecimento novo. A produção de conhecimento novo – sempre tendo em vista os parâmetros da comunidade acadêmica e profissional de cada área -, portanto, é tarefa dos docentes e demais pesquisadores da pós-*strictu*.

### **Articulação entre os níveis, a pesquisa e a produção de conhecimento**

Entretanto, uma Universidade que consiga atuar de forma organicamente unida estabelecerá uma íntima relação entre os níveis de ensino de modo a que todos possam beneficiar-se do trabalho de todos. Trata-se, contudo, de superar a mera afirmação de que essa atuação orgânica seja um bem e procurar encontrar formas concretas relacionamento.

Uma Universidade, ao lado de ser uma instituição que justifica sua existência a partir de seu trabalho com o conhecimento, é uma *organização* e, como tal, para funcionar, estrutura-se em torno de uma proposta de divisão do trabalho e divisão do poder. Estruturas e cultura criam e mantêm uma identidade organizacional. A existência de uma Universidade em que o conhecimento seja trabalhado organicamente por todos os níveis e segmentos pede uma estrutura e um funcionamento adequados a um relacionamento ordenado e produtivo. Desse modo, um princípio organizador dos trabalhos, pode ser o de interligar os diversos níveis e âmbitos de trabalho em torno de campos de conhecimento concretos. Um campo de conhecimento organiza-se em torno de um objeto, de um método (com múltiplas técnicas) e de uma prática social concreta. Portanto, a unidade do trabalho universitário ocorre produtivamente quando se dá em torno de objetos claramente identificados, abordados em linhas de pesquisa bem precisadas, englobadas em núcleos temáticos, que são as unidades mínimas produtivas de conhecimento.

A fixação de núcleos temáticos é uma prerrogativa da Universidade e pode ser feita a partir de diversos critérios, entre os quais podem ser citados: identidade organizacional, inserção regional, vocação institucional, capacidade instalada, demanda existente, oportunidades, etc. Deriva da avaliação dessas condições a criação de uma política de pesquisa e produção de conhecimento da Universidade.

A escolha de núcleos temáticos como prioridade de trabalho de pesquisa pela Universidade deve ser complementada por uma prática de aceitação e incentivo de métodos e técnicas pluralistas que tenham como critério de adoção a adequação aos cânones de pesquisa da comunidade acadêmica, profissional e científica, supostos aí os padrões éticos adotados pela Universidade.

Deriva da afirmação anterior a necessidade da Universidade relacionar-se organicamente com a comunidade acadêmica na qual se insere, com as comunidades científica e profissional pertinentes.

Fazem parte integrante do trabalho de pesquisa da Universidade as relações sistemáticas com a sociedade local, a regional, a nacional e os setores especializados. Os elos que se estabeleçam podem contribuir para alimentar a pesquisa e servem como forma de veiculação do conhecimento produzido. Nesse sentido, um conceito que pode favorecer a operacionalização dessas relações é o de *serviço-terminal* e *serviço-ponte*. No serviço terminal a Universidade atua sob a forma de extensão. No serviço

ponte a atuação ocorre como extensão, mas também como fonte de alimentação do ensino e da pesquisa.

A oferta de conhecimento pela Universidade ocorre, tradicionalmente, mediante o ensino (graduação, cursos tecnológicos, *lato sensu*, *stricto sensu*, projetos especiais). Formas não usuais podem ser incrementadas, entre as quais, extensão (serviços terminais e serviços ponte) consultorias especializadas (banco de especialistas como capacidade instalada na Universidade e, institucionalmente, disponíveis à Sociedade); publicações.

## **O trabalho de administração da pesquisa na Universidade**

A administração do trabalho de pesquisa na Universidade pede dupla atenção: uma relativa às atividades de gerenciamento da produção de conhecimento e outra relativa ao apoio ao trabalho de administração da pesquisa. Este apoio constitui-se por providências relativas à pessoal (em número e quantidade adequada); em material (ambiente de trabalho, equipamentos, material de consumo etc); finanças (fixação clara das necessidades de financiamento e de custeio, das fontes de captação etc); serviços (os indispensáveis para funcionamento da pesquisa na Universidade).

A fixação de uma estratégia de médio e longo prazo para o desenvolvimento da pesquisa na Universidade é condição fundamental. Entretanto, igualmente importante é a existência de uma clara percepção da necessidade de um trabalho tático, cotidiano, “corpo-a-corpo”, com os docentes e pesquisadores até que seja adquirida uma capacidade institucional de pesquisa e produção de conhecimento. A realidade nacional mostra ser este um fator diferenciador dos centros de pesquisa e produção de conhecimento: a existência de um esforço efetivo de formação de quadros e de mentalidade institucional favoráveis ao desenvolvimento da pesquisa e da produção de conhecimento. Desse modo, a Universidade não mais verá o gasto com pesquisa como despesa apenas, mas como investimento, do qual seja possível esperar retornos, inclusive financeiros.

## **Considerações finais**

Em decorrência das observações anteriores, é possível dizer que a institucionalização da pesquisa na Universidade supõe a definição clara dos sujeitos institucionalmente responsáveis pela sua efetivação; da proposta de como a pesquisa articula-se com o conjunto da Universidade; das prioridades temáticas de pesquisa; dos procedimentos plausíveis; das condições necessárias para o funcionamento do trabalho de pesquisa na Universidade em termos de pessoal, material, finanças e serviços. E, como se trata de um trabalho humano, deverá ser levado em conta, realistamente, o tempo necessário para desenvolvimento das propostas, os momentos de avaliação e eventuais re-planejamentos.

Como princípio norteador de todo o trabalho universitário deve presidir o da Unidade como categoria interpretativa da realidade. A assunção da Unidade como critério de avaliação dos trabalhos universitários encontra sua fundamentação nas perspectivas ôntica, antropológica, estética, ética e lógica. Desta tomada de posição devem derivar as ações no ambiente universitário e na sociedade em geral. Pressupor

que a Unidade está inscrita na natureza profunda do real e deve ser horizonte ético do agir humano produz formas de trabalho que contribuem para a paz, para a melhoria das condições de vida humana coletiva, para a extinção de todas as discriminações. Contribui, enfim, para a salvação do gênero humano. É a possibilidade de “dar de comer a todos, de modo que possam saciar-se e ainda sobrar”.

Recebido para publicação em 2-02-09; aceito em 14-02-09